

SHINE¹: UMA BRILHANTE FORMA DE REFLETIR SOBRE A ESTRUTURA FAMILIAR.

José Carlos Castelo Branco Filho²

Shine não se resume apenas a um simples filme, mas trata-se da vida, onde nos deparamos com o enredo fascinante da loucura. O filme retrata a história real de uma família de origem judia na Austrália que levava uma vida bastante humilde. O “personagem central”, David, é iniciado pelo pai, Elias Peter Helfgott, ao piano desde muito cedo. O pai de David era um músico frustrado extremamente autoritário e exerce uma grande influência destrutiva sobre o filho. O menino revela dotes especiais e passa a despertar a atenção das principais escolas de músicas da época. O pai não apóia os estudos do filho, que demonstra querer ser a única pessoa a lhe “ensinar” a arte da música, no entanto, se deixa vencer e permite que David

¹ Filme australiano de 1996, do gênero drama, dirigido por Scott Hicks.

² José Carlos Castelo Branco Filho – E-mail: josecarlos@castelobrancopsi.com

Psicólogo, mestre em Psicologia, na área de **Processos psicopatológicos e ações terapêuticas** e responsável pelo **Castelo Branco - Consultório de Psicologia**, onde atende jovens, adultos e casais nas áreas Clínica, Hospitalar, Saúde Mental e Plantão Psicológico. Atua como psicólogo hospitalar da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, na qual integra o NUPSI – Núcleo de Psicologia do Hospital de Base de Brasília. É membro titular do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Tem realizado oficinas e palestras em empresas e órgãos públicos com vistas à melhoria da qualidade de vida e ao equilíbrio e desenvolvimento pessoal e profissional. É membro da Sociedade Brasileira de Psicologia, da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar e da *World Association for Person-Centered and Experiential Psychotherapy and Counseling* (Associação Mundial para Psicoterapia e Aconselhamento Centrado na Pessoa e Experiencial).

tenha aulas com um professor, Ben Rosen, que participou do jure em seu primeiro concurso e se ofereceu para ministrar as aulas. Algum tempo depois David vai para a Escola Real de Música em Londres onde passa por um aperfeiçoamento e é considerado um gênio por seu então professor Cecil Parkes. Ao final de um concurso, onde tocou o tão esperado concerto de número 3 de Rachmaninoff, considerada uma difícil peça, acontece a sua primeira grande crise psíquica. Ele passa então a viver no Hospital Psiquiátrico de Glendale e demonstra uma perturbação mental especialmente grave, possivelmente do tipo esquizofrênica. O início de seu “caminho de volta”, é claro, está associado ao piano com a senhora Beryl Alcott, ainda que seus médicos o tivessem proibido de tocar, momento este que também começa a se relacionar com outras pessoas. Essa senhora o tira do Hospital Psiquiátrico e leva para sua casa. Depois de um tempo ele passa a morar sozinho em uma pensão onde voltou a tocar piano. Depois de um tempo Sylvia, a dona do bar onde David tocava piano às vezes, leva David para passar um tempo em sua casa. Neste mesmo momento recebe a visita de uma amiga, Gillian, que acaba se apaixonando por ele e os dois se casam. A parte final do filme demonstra esse testemunho do papel decisivo dos investimentos afetivos na relação com pessoas portadoras de sofrimento psíquico.

A questão familiar é um espetáculo impressionante que envolve toda a história de vida de David que o filme se propõe a contar. Demonstra a estrutura familiar, as formas de relacionamento intra-familiar e os moldes de comunicação.

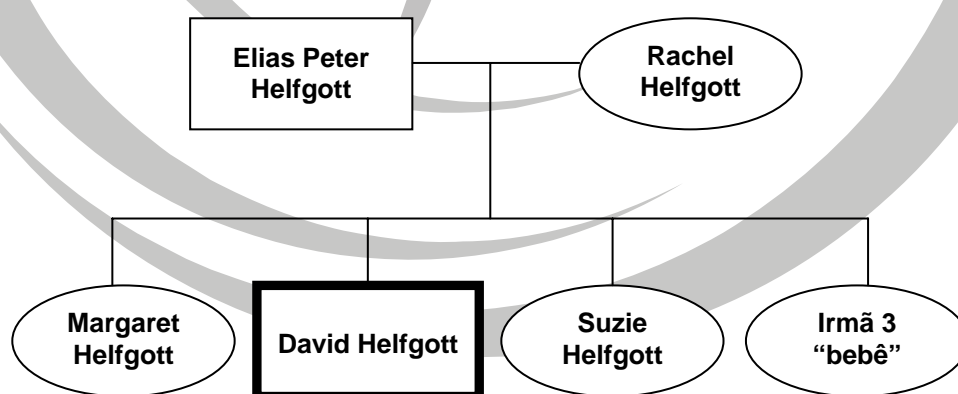
O presente artigo é uma tentativa de reflexão de alguns desses pontos acerca da estrutura familiar que o filme Shine nos possibilita.

Fases do ciclo de vida da família – genograma:

Segundo Mc Goldrick (1987) a coluna vertebral de um genograma é uma descrição gráfica de como os diferentes membros de uma família estão biologicamente e legalmente ligados entre si de uma geração a outra. Este traçado é a construção de figuras que representam as pessoas e linhas que representam suas relações.

O desenho segue a orientação de normas e símbolos universais, tais como, na família nuclear, o pai, à esquerda, a mãe, à direita, ligados por um traço contínuo, e filhos em ordem cronológica, da esquerda para a direita, num plano hierárquico diferente, entre pais, filhos e avós. O quadrado simboliza os familiares de sexo masculino e o círculo os de sexo feminino.

A família apresentada no filme pode ser assim representada:



Estrutura familiar

A estrutura do sistema corresponde à totalidade das relações dinâmicas estabelecidas entre os elementos do sistema, de acordo com regras específicas. Estas relações integram o sistema concreto num contexto específico e permitem organizar o modo como os membros do sistema interagem (Bertalanffy, 1973).

Segundo Whitaker & Bumberry (1990) uma família saudável é dinâmica e está em contínuo processo de evolução e mudança, ou seja, uma família saudável é um sistema em movimento.

Cada sistema é sempre todo e parte, desta forma, um sistema encontra-se dentro de sistemas mais vastos e engloba sub-totalidades autônomas que se relacionam no sentido horizontal e vertical, ora como totalidade ora como parte. Então, a hierarquia sistêmica consiste no conjunto de regras que define as relações entre os sistemas, e classifica-os como subsistemas.

Um sistema apresenta aspectos estruturais e funcionais. O aspecto estrutural diz respeito à organização no espaço dos elementos do sistema, sendo os limites um dos seus principais traços estruturais. O limite define as fronteiras do sistema, separando-o do mundo exterior. Já o aspecto funcional é assegurado por fluxos de energia, de informação ou de elementos que percorrem o sistema permitindo a sua conservação, auto-regulação, reprodução e adaptação ao meio (Bertalanffy, 1973).

As fronteiras de um subsistema são as regras dinâmicas que testemunham a separação dos indivíduos ou dos subgrupos nos subsistemas e a posição de cada um na hierarquia. A sua

função é proteger a diferenciação dos sistemas e dos seus membros. São como “linhas divisórias” que regulam a passagem de informação entre os sistemas, bem como entre os diversos subsistemas.

Para que o funcionamento familiar seja adequado, estas fronteiras devem ser nítidas. Existem três tipos de fronteiras ou limites: claros (permitem a troca de influências e delimitam o espaço e as funções de cada membro ou subsistema). Exemplo: família que comunica e partilha os afetos e os problemas; difusas (são permeáveis e não facilitam a diferenciação dos subsistemas; exemplo: família que se fecha muito sobre si própria, misturando as fronteiras entre gerações, subsistemas e indivíduos. Assim quando surge um problema, este tem uma repercussão imediata em todos os membros do sistema); rígidas (dificultam a comunicação entre sistemas; exemplo: predomínio de uma barreira comunicacional na família e os seus membros funcionam de forma individualista).

Assim, em famílias sadias, as regras servem de guias e estão a serviço dos esforços de crescimento. Já em famílias patológicas, as regras são usadas para inibir a mudança e para manter o “*status quo*” (Whitaker & Bumberry, 1990).

Segundo Carneiro (1996), quando as fronteiras são difusas, as famílias são aglutinadas, fronteiras rígidas caracterizam famílias desligadas. Famílias saudáveis emocionalmente possuem fronteiras claras.

O sistema familiar, assim como as micro e as macroorganizações sociais possuem uma estrutura interna hierarquizada, sendo também hierarquizadas umas em relação às outras. De

nível aparentemente intermediário entre o indivíduo e a coletividade, o sistema familiar, constitui a passagem de um para o outro. A natureza das interações familiares determina as posições que o indivíduo assumirá nas hierarquias sociais.

Um sistema é ainda considerado aberto ou fechado, permitindo ou não intercâmbios de matéria, de energia e de informação com o seu meio ambiente. O sistema aberto está em permanente relação com o seu ambiente, efetuando trocas. O sistema fechado não efetua trocas com o meio, está totalmente desligado do ambiente exterior (Bertalanffy, 1973).

A família assume uma estrutura característica. A estrutura familiar compõe-se de um conjunto de indivíduos com condições e em posições, socialmente reconhecidas, e com uma interação regular e recorrente também ela, socialmente aprovada. A família pode então, assumir uma estrutura nuclear ou conjugal, que consiste num homem, numa mulher e nos seus filhos, biológicos ou adotados, habitando num ambiente familiar comum. A estrutura nuclear tem uma grande capacidade de adaptação, reformulando a sua constituição, quando necessário.

Quanto ao tipo de relações pessoais que se apresentam numa família, Lévi-Strauss (citado por Pinheiro, 1999), refere três tipos de relação. São elas, a de aliança (casal), a de filiação (pais e filhos) e a de consanguinidade (irmãos). É nesta relação de parentesco, de pessoas que se vinculam pelo casamento e/ ou por uniões sexuais, que se geram os filhos. Segundo Atkinson e Murray (citado por Vara, 1996), a família é um sistema social uno, composto por um grupo de indivíduos, cada um com um papel atribuído, e embora

diferenciados, consubstanciam o funcionamento do sistema como um todo. O conceito de família, ao ser abordado, evoca obrigatoriamente, os conceitos de papéis e funções, como se têm vindo a verificar. Em todas as famílias, independentemente da sociedade, cada membro ocupa determinada posição ou tem determinado estatuto, como por exemplo, marido, mulher, filho ou irmão, sendo orientados por papéis. Papéis estes, que não são mais do que, “as expectativas de comportamento, de obrigações e de direitos que estão associados a uma dada posição na família ou no grupo social” (Duvall & Miller citados por Stanhope, 1999, p. 502).

De acordo com Papp (1992), a família pode ser vista como uma junção de crenças nucleares, trazidas pelos genitores, formando premissas e diretrizes na gênese de regras que guiam a criança e ou o adolescente. A família é um grupo natural que através do tempo tem desenvolvido padrões de interação. A estrutura familiar é constituída por esses padrões de interação, que por sua vez governam o funcionamento dos membros da própria família, delineando sua gama de comportamentos e facilitando sua interação (Minuchin e Fishiman, 1990).

Por fim, a família pode ser descrita como sendo um processo no qual ocorre o desenvolvimento psicológico do indivíduo, de um estado de fusão/indiferenciação para um estado de separação/individualização cada vez maior. Este ciclo é determinado não apenas por estímulos biológicos e pela interação psicológica, mas também por processos interativos no interior do sistema familiar. Igualmente, o curso da história futura do indivíduo pode ser prevista à base do clima emocional predominante na família de origem (Andolfi, Angelo,

Menghi e Nicolo-Corigliano, 1984). Porém, nem sempre a família é bastante flexível para proporcionar este desenvolvimento, de acordo com as mudanças das contingências que ocorrem, principalmente na passagem da fase da infância para a adolescência. Igualmente, o curso da história futura do indivíduo pode ser previsto à base do nível de diferenciação dos pais e do clima emocional predominante na família de origem.

Comentários:

No filme Shine, percebe-se que o pai de David não permite que as mudanças aconteçam na estrutura familiar nuclear determinada por ele. Todos são totalmente submissos a ele e ninguém pode adentrar nos limites determinados, claramente demonstrados, de forma concreta, por meio da cerca de telhas que a casa é envolta. Esse comportamento já nos chama a atenção, uma vez que segundo Whitaker & Bumberry (1990) uma família saudável precisa ser dinâmica e estar em contínuo processo de evolução e mudança. Dessa mesma forma as regras defendidas por Elias Peter Helfgott serviam para inibir as mudanças e manter o *status quo* de sua família e não estavam a serviço dos esforços de crescimento, como acontece em famílias ditas sadias.

Com relação aos subsistemas, nas poucas cenas em que a mãe aparece não é possível identificar um subsistema conjugal, uma vez que Rachel Helfgott é nitidamente a mãe e não a esposa. Assim, identifica-se um subsistema que pode-se chamar de “paterno”, digamos assim, onde nitidamente está inserido o pai, Elias Peter Helfgott; um segundo subsistema que

identificamos é o “materno” onde está a mãe, Rachel Helfgott e por último o subsistema filial, onde estão inseridos Margaret, David, Suzie e a filha mais nova, chamada de bebê pela mãe.

As fronteiras ou limites dessa família são rígidos, não permitindo contatos com outros sistemas e em alguns momentos até entre os subsistemas. Tal rigidez é identificável principalmente por meio do comportamento de Elias Peter Helfgott, que não permite o contato dos filhos e da esposa com outras pessoas sem a sua autorização e em alguns momentos até sem a sua companhia. Em algumas cenas, em que David está conversando com outras pessoas, o seu pai olha para ele com uma cara fechada e acaba por interromper este contato. Ele também não permite que a filha leve suas amigas a sua casa e que tenham contatos externos a casa, como por exemplo a cena em que Margaret Helfgott passa pela cerca de telhas para falar com um rapaz e o pai, com um olhar, fez com que ela entrasse para casa e repregou a telha no seu devido lugar.

A hierarquia familiar é totalmente determinada pelo pai que detém o poder sobre a mãe e os filhos. Assim como de uma forma geral, neste ponto, o filme foi bastante “feliz” e conseguiu retratar bem a posição da mãe na família, que aparece na maioria das cenas como pano de fundo e até passa despercebida em algumas delas. Apenas em 3 ou 4 cenas ela teve uma “participação ativa” em determinados momentos da família. David foi tratado como criança o tempo todo pelo pai e também pela mãe, o que acabou por provocar o “não crescimento” dele. Uma vez que as interações familiares determinam as posições que o

indivíduo assumirá nas hierarquias sociais, no restante do filme percebe-se que David continua a ter comportamentos que não condiziam com sua idade cronológica.

Esse panorama apresentado também nos leva a dizer que a família Helfgott é um sistema fechado não permitindo intercâmbios de energia e de informação com o meio e com outros sistemas, estando “totalmente” desligado do exterior.

As crenças e regras familiares parece que também foram “trazidas” da família do pai de David e estabelecidas por ele. As que mais podemos identificar são: O filho tinha que vencer sempre, não é permitido ter contato com pessoas de fora do sistema familiar, aquela era uma boa família para todos, o pai sabe o que é melhor para todos, não se pode ter sentimentos “ruins” pelos pais, ninguém pode amar mais os filhos que o pai e não se deve confiar em ninguém que não seja de sua família.

Muitas dessas regras, bem como todo o funcionamento familiar, dificultaram o processo de passagem do estado de fusão/indiferenciação para o de separação/individualização, fazendo com que David não conseguisse viver sem o apoio de sua família, principalmente o pai, e posteriormente de outras pessoas. Percebe-se que o movimento familiar era no sentido de valorizar o pertencimento, principalmente por parte do pai, e não a individualização. Nessa mesma direção, pode-se entender o surto como um desfecho para todo esse processo e é uma forma de diferenciação encontrada por David.

Comunicação verbal e não-verbal

Segundo Carneiro (1996) qualquer comportamento verbal ou não verbal, manifestado por uma pessoa – o emissor – em presença de outra – o receptor – é comunicação. Dessa forma, ao mesmo tempo que a comunicação transmite uma informação, ela define a natureza da relação entre os comunicantes. Estas duas operações constituem, respectivamente, os níveis de relato (digital) e de ordem (analógico) presentes em qualquer comunicação. Quando estes dois níveis se contradizem, temos o paradoxo. A comunicação paradoxal está na origem da patologia familiar.

Comentários:

Durante todo o filme é perceptível que o pai qualifica e desqualifica as pessoas da família o tempo todo. Ao mesmo tempo em que acha que o desempenho de David não está bom, diz que o filho é dele no momento em que outras pessoas o elogiam. Da mesma forma, aparentemente dá carinho ao filho e diz que ninguém o ama mais do que ele e logo após agride o filho e o chama de animal nojento.

Essa linguagem paradoxal traz graves conseqüências para a vida de David que diz em um determinado momento: “eu nunca tenho certeza de nada!” e precisa de que alguém o dê as respostas o tempo todo. No entanto, no final do filme parece que ele já começa a lidar melhor com algumas questões, como por exemplo, as falas dele enquanto estava saindo do cemitério: “ganha-se, perde-se, não se ganha sempre...” e “a vida segue... e você tem que ir junto com ela”.

Outro ponto importante diz respeito à demonstração dos sentimentos na família. Não se vê em nenhum momento a mãe demonstrando carinho pelo esposo ou pelos filhos, da mesma forma que o pai também não demonstrava, salvo em alguns momentos em que abraçava David, que não fica confortável com essa atitude.

12

Conclusões

Várias pesquisas objetivaram estudar as relações familiares e algumas características de adolescentes, bem como a influência da família na etiologia e manutenção de problemas pessoais, distúrbios e transtornos desenvolvidos ou acentuados na fase da adolescência.

O filme Shine proporciona uma boa reflexão neste sentido a respeito da contribuição da dinâmica familiar na etiologia da doença mental que caracteriza-se por uma comunicação de duplo vínculo, um fechamento ao mundo externo e fronteiras individuais pouco determinadas.

Além disso, o filme enfatiza o grande poder destrutivo do pai sobre o desprotegido David e toda a família; o pai totalitário e repressor centraliza todas as decisões, reprime violentamente a mãe de David e suas irmãs, que são incapazes de qualquer ação independente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andolfi, M.; Angelo, C.; Menghi, P. & Nicolo-Corigliano, A. N. (1984). **Por Trás da Máscara Familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bertalanffy, L. (1973) **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Editora Vozes

Carneiro, T. F. Terapia Familiar – Das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. **Psicologia – Ciência e Profissão**, n. 16, 1996. 38 – 42.

Mc Goldrick, M & Randy, G. (1987) **Genogramas en la evaluación familiar**. Buenos Aires: Gedisa.

Minuchin, S. & Fishman, H.C. (1990). **Técnicas de Terapia Familiar**. Trad. Claudine Kinsch e Maria Efigênia F. R. Maia. Porto Alegre: Artes Médicas.

Papp, P. (1992). **O Processo de Mudança: Uma Abordagem Prática à Terapia Sistêmica da Família**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Stanhope, M. (1999) Teorias e Desenvolvimento Familiar. In: Stanhope, M. & Lancaster, J. **Enfermagem Comunitária: Promoção de Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos**. 1.ª ed. Lisboa : Lusociência.

Whitaker, C. A. & Bumberry, W. M. (1990) **Dançando com a família**. Porto Alegre: Artes Médicas.